

Uma viagem crítica pelo país e pelo Douro, aos olhos de um jovem

Crise. A palavra talvez mais utilizada nestes últimos anos, devido à conjuntura económico-financeira que o país atravessa, o seu uso é muito frequente e até por vezes exageradamente utilizado, por parte da comunicação social. Mas, esta pequena palavra que retrata tanta tristeza, dor, sofrimento e angústia e que nos afecta a todos nós ilustra, de facto, um período inevitável no ciclo económico de uma sociedade globalizada. As crises sucedem naturalmente neste ciclo, cabendo assim, aos agentes económicos, prevê-las e minorar os seus efeitos, que podem ser devastadores, se não evitados perspicazmente e eficazmente. Mas o nosso país, infelizmente, além desta crise económico-financeira, difícil e muito dura do ponto de vista social, padece de outras crises. Passo a citar a grande crise de natalidade em que estamos mergulhados, onde se verifica um envelhecimento claro e contínuo da população portuguesa, onde o índice de dependência de idosos é de 29,9 % (dados de 2013). Um dado claramente preocupante, que nos leva a concluir que o nosso país necessita, efectivamente, de contornar esta situação, com um pacote de medidas de políticas de natalidade, a fim de se inverter a pirâmide etária da população portuguesa - que se caracteriza por ser envelhecida-para uma identificativa de um país em rejuvenescimento populacional. Esta realidade é particularmente mais acentuada no interior, onde por cada 100 jovens, existem 136 idosos.

Este fenómeno de envelhecimento da população, actualmente característico dos países ditos desenvolvidos, é muito alarmante. Um país com uma população envelhecida, depara-se com variadíssimos problemas graves, como a diminuição da taxa de natalidade, consequente da diminuição da população, em idade para procriar; a diminuição da taxa de actividade, com uma maior relevância para as zonas rurais; e sobretudo, uma perda significativa do espírito de inovação, de criatividade, de empreendedorismo e de modernização. Características tão importantes para o desenvolvimento de uma economia, que ser quer forte e coesa. Daí o papel importantíssimo das camadas jovens da população, que possuem na sua essência estas características, fundamentais para o progresso de um país. O rejuvenescimento da população é premente, para o bem de todos.

E outra grande “crise” que quero salientar é exactamente a desertificação do interior. Este indicador afecta-nos muito directamente, e quase que me atrevo a dizer que o sentimos profundamente no nosso quotidiano. A distribuição da população em Portugal continental é caracterizada por dois grandes fenómenos: a litoralização e a bipolarização, que traçam fortemente repartição da população pelo território nacional.

A densidade populacional portuguesa tem tido nos últimos anos, um crescimento muito assimétrico, onde a faixa litoral de Portugal continental, apresenta uma elevada concentração populacional face ao interior do país. Existem também dois grandes focos de elevada densidade populacional, que se prendem precisamente com o fenómeno da bipolarização, que consiste precisamente na força de atracção populacional, que os polos das Áreas Metropolitanas do Porto e de Lisboa exercem sobre o restante território. Muitos são os factores que levam a esta “fuga” da população para o Litoral e Áreas Metropolitanas, desde os de cariz natural, como o clima, os recursos do subsolo, o relevo, aos de carácter Socioeconómico, como as melhores vias de comunicação, a indústria especializada, as actividades terciárias etc. Uma realidade que além de preocupante, é muito triste para os habitantes do Interior do país, tal como eu sou, que em certa medida se sentem isolados e desvalorizados.

Verifico, com tristeza e repúdio, que os sucessivos governos apostaram numa descridibilização, num desinvestimento no Interior. O que leva a um desinteresse e falta de motivação dos jovens a viverem numa zona do país tão deprimida, onde as atracções, a vários níveis nas cidades e litoral do país falam mais alto. Mas esta tremenda falha e irresponsabilidade, que é o desinteresse pelo interior, que se apresenta uma zona rica em recursos, não só materiais, mas também patrimoniais e culturais de elevado valor, conduzirá certamente a um empobrecimento do país a vários âmbitos. Vejo com mais tristeza ainda este desinteresse na região Demarcada do Douro, onde infelizmente não só os nossos governantes, mas também a nível local, alguns tumores instalados nas raízes dos organismos que nos servem e representam, contribuem para esta pesadosa realidade. Limitando, infelizmente, esta região com características únicas e de elevada qualidade, a desabrochar, a abrir-se ao mundo para assim, se tornar dinâmica e atractiva não só ao turismo, que bem desenvolvido e trabalhado, pode ser uma coroa de glória para a nossa região, mas também em termos de fixação dos jovens.

Esta última referência que fiz é importantíssima: os jovens desta geração embora, custe muito a admitir, pela parte dos mais velhos, é dotada de uma grande capacidade inovadora e de progresso, que apenas bem fariam a esta região, que se vê atrofiada por

dogmas infundados e sem nexo. Termino esta viagem à realidade do país e da região, com um apelo claro e de certeza em consonância com todos os jovens desta região, dirigido a todos aqueles que não acreditam nos jovens, - e que até nem se importam que eles migrem para as cidades - pois o seu espírito inovador e de criatividade os incomodam profundamente.

Deixei-nos falar, intervir, agir, mostrar o que pensamos, as nossas ideias e em conjunto trabalhar para o triunfo desta região do Douro.

Deixem-nos levar as nossas tradições, costumes, gastronomia e património mais além, ajudem-nos a valorizá-los, a respeitá-los a cada dia que passa para, assim, obtermos o devido reconhecimento e respeito de quem nos visita. Vamos, em conjunto, jovens e menos jovens remar para o mesmo fim: a dinamização e incrementação desta região, através do seu bem de excelência, o vinho generoso, o vinho do Porto e de toda sua rede histórica, cultural e patrimonial.

João Rocha